

## Analizando expressões brasileiras (verbetes em D-F)

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta alguns verbetes que integrarão um futuro “Dicionário filosófico-sociológico de expressões brasileiras”, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

**Palavras Chave:** expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

**Abstract:** This article presents some entries (as part of a coming Dictionary) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

**Keywords:** Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

### Introdução – Expressões brasileiras, seu significado e datação

Neste artigo e no outro que integra esta edição, apresento uma amostra do que será um livro, um “Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras”, que sucede o recém publicado *Pequeno dicionário de expressões brasileiras* (<https://www.editoraenguaguacu.com.br/product-page>).

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e a cidade ou Estado da federação do qual ela procede.

### Abreviaturas aqui empregadas

**BN:** Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

**Delicado** – é referência ao livro de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

**Pequeno Dicionário:** verbetes do “Pequeno dicionário de expressões brasileiras”, São Paulo: Enguaguacu, 2023.

**Rolland, Francisco ed.** - *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza*, tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica por F.R.I.L.E.L. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Nova edição correcta, e augmentada (a 1ª. edição, da mesma casa e coligida por Rolland, é de 1780).

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br). Autor do recém-lançado: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. São Paulo: Enguaguacu, 2023.

## “Dever” e “Poder” no confundente brasileiro

Em 1999, tive o privilégio de entrevistar o grande pensador espanhol Julián Marías, em seu apartamento em Madri. Conversamos sobre um fecundo conceito de Ortega y Gasset: o *pensamento confundente*. Trata-se do fato de que algumas línguas concebem, conjuntamente, em uma única palavra, o que outros idiomas distinguem em várias outras. É um conceito relativo e – vale deixar claro – desprovido de juízo de valor. Em termos abstratos, não é melhor ser confundente ou “distinguente”. Não há nenhuma carga pejorativa na denominação confundente.

Em geral, há uma tendência ao pensamento confundente nas línguas orientais, mas, no particular, ocorre a confusão/distinção, em todas as línguas da Babel em que vivemos. Por exemplo, ao legendar em português um filme em inglês, alguém tem que se decidir entre traduzir *you* por *você* ou por *senhor*, uma vez que a língua inglesa usa o mesmo *you* tanto em uma conversa entre amiguinhos do jardim da infância, quanto para se dirigir a um venerável ancião. O mesmo ocorreria na situação inversa: como legendar, em inglês, o termo confundente *grande*, do português?

Ao dizer *grande Uruguai!*, provavelmente ninguém está pensando no sentido físico *big*, mas no *great*, de grandiosas conquistas, que o falante aprova: “Grande Uruguai: desclassificou a Argentina!” ou “Grande Uruguai: legalizou a maconha!” etc.

Como regra geral, o português também tem muitas palavras confundentes. Especialmente o do Brasil, com nossa arraigada tendência ao genérico, à indeterminação, ao neutro, à passividade e ao conformismo. Certa vez, dirigindo-me a um colega, vizinho de nosso prédio próximo ao Campus da Universidade, a quem frequentemente eu dava carona, perguntei: “E aí, você vai à USP amanhã?”. Sua resposta foi simplesmente: “Devo ir”. Assim, sem mais, o leitor e mesmo o interlocutor não têm a menor possibilidade de saber o que significa esse *devo*. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês? *Should, have to, supposed to, must, ought?*

Ora, esse *devo* pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“devo ir, se não a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, mas aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

O brasileiro, que não sabe dizer não, vale-se frequentemente do *dever* também neste sentido. Como dissemos em verbete anterior, se alguém convida você para ir à formatura da sobrinha dele no ensino fundamental, a resposta “devo ir” é, evidentemente, uma forma educada que equivale de fato a um sonoro não.

Claro que se trata de um passo a mais na atitude neutra, tão frequente entre nós, que se instala em uma cômoda (para o falante, mas muito inconveniente para o interlocutor) indeterminação confundente, dispensando-se do grave peso de decidir... E não deixa de ser inquietante que tenhamos toda essa gama de significados em torno de um verbo tão fundamental como o *dever*.

A mesma coisa acontece com o verbo *poder*. O Aurélio lhe atribui 15 possíveis significados; o Houaiss, 12. Em espanhol, ainda haveria que se acrescentar outro: “*ser mais fuerte que otro, ser capaz de vencerle. ‘En la discusión me puede’*” (Dicc. de La Real Academia Española). Em 2014 surgiu com muito vigor um novo partido político na Espanha, o *¡Podemos!*, fundado por indignados e em menos de uma semana se tornou o partido político mais seguido nas redes sociais, superando os tradicionais PP e PSOE. No nome do partido – além da alusão ao *Yes, we can* – havia uma outra evocação desse poder: a de ser capaz de se impor ao oponente.

Esse sentido já não é mais empregado entre nós, mas o hino comemorativo da Copa de 1958 ainda dizia: “A taça do mundo é nossa/Com brasileiro, não há quem

*possa!*” Aliás, foi mais ou menos nessa época que Dorval (do lendário ataque Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe), após uma virada incrível do Santos daquela época, quando questionado em entrevista sobre como foi possível a façanha, declarou: “Futebol não é para quem quer; é para quem *pode!*”

Hoje, temos outra forma da mesma ideia, ainda não dicionarizada: *tá podendo*, para indicar diversos modos de poder... E “Pode?” é indicação de algo absurdo ou imoral: “Uma hora e meia de fila de espera para entrar naquela droga de restaurante... Pode?”

Nosso *poder*, na locução *posso fazer*, em português, concentra-se em uma única forma. Contudo, em inglês – como nota o filósofo Vilém Flusser –, é diversificado em *I may do, I can do, I am able to do, I am allowed to do*. Por exemplo:

“– Você faz uma cesta de três pontos?” “– Não posso...”, resposta que pode significar “– Não posso, pois agora estou ocupado...”, ou “– Você não vê que sou portador de deficiência e incapaz, sequer, de segurar a bola?”, ou “– Estou destreinado”, ou ainda “o técnico nos proibiu de arriscar esse tipo de lance”.

Nesse quadro, Flusser – em aguda intuição, que é também um convite ao diálogo filosófico mais profundo com esse autor – vê no *poder* em português (em contraste com o inglês e o alemão), um decisivo alcance metafísico: “(...) Poder e dever são conceitos ligados entre si, e tenho certeza de que um estudo fenomenológico das duas palavras esclarecerá fundamentalmente o sistema ontológico que suporta a língua portuguesa”<sup>2</sup>.

## **(o) Diabo mora nos detalhes**

Os detalhes são muito importantes: é neles que no futebol se decide um clássico; mantêm duradouro o amor; ganham uma eleição difícil etc.

“O diabo está nos detalhes” é uma sentença derivada de outra mais antiga e tradicional: “Deus está nos detalhes”. E é claro: se os detalhes são importantes para Deus, também o serão para o Inimigo. Curiosamente, no Brasil – ao contrário dos Estados Unidos ou da França – a expressão é muito mais usada para o diabo do que para Deus. Principalmente quando vemos na BN, a partir da década de 90, ela assumir a forma “o diabo mora nos detalhes”, passando a ser o próprio endereço do dito cujo (claro que a infinitude de Deus não pode ser confinada..., daí que “Deus mora nos detalhes” é expressão que não é empregada e aparece uma única vez na BN).

## **Dize-me com quem andas...**

“Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és” ou, mais modernamente, na 3ª. pessoa: “Diga-me com quem (você) anda e eu lhe direi quem (você) é” são formulações tardias. A expressão original, desde sua primeira aparição na BN, é mais específica e não pretende esgotar o ser do interlocutor, mas somente suas manhas:

Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens  
 (“A Verdade” RJ, 18-10-1832)

---

<sup>2</sup> Flusser, Vilém – *Língua e realidade*, 3 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

Por um bom tempo permanecem as manhas e só dezoito anos depois aparece, ainda timidamente, “quem tu és” (“O Itamontano” MG, 09-02-1850). A nova forma vai ganhando espaço até a derradeira aparição da antiga em 01-03-1883 (“O Corsario” RJ).

A nova formulação aumenta o caráter genérico do provérbio, já estabelecido pelo vago “com quem andas” e a restrição a manhas torna-o mais visível. Lembro-me que ao entrar em um concorrido curso da USP, que contava com 600 calouros, podia-se distinguir – especialmente nos primeiros meses – diversas panelinhas: a que vinha do Colégio tal ou qual, a daquela cidade do interior, a de determinado bairro etc. Nelas havia manhas e manias, como a preferência por um determinado tipo de piadas (das quais os outros não achavam tanta graça...), modos de falar com gírias próprias, de vestir, de reagir etc. E pude constatar, em uma divertida entrevista que fizemos com os garçons que atendiam os docentes do saudoso “Clube dos Professores” da USP, que eles sabiam identificar as manhas e os “cacoetes” típicos dos colegas das diversas faculdades que frequentavam aquele restaurante: Fau, Elétrica da Poli, Letras etc. (Cf. <http://www.hottopos.com/rih53/Clube.pdf>).

Seja como for, para o bem e para o mal, a própria Bíblia adverte: “Bem-aventurado o homem que não se assenta na roda dos zombadores” (Sl: 1, 1); “Não vos enganéis: as más companhias corrompem os bons costumes” (I Cor: 15, 33); “Aquele que anda com os sábios será cada vez mais sábio, mas o companheiro dos tolos acabará mal” (Prov: 13, 20) etc.

E sempre continua válida a intrigante colocação de Juan Ramón Jiménez: “‘Dime con quién andas, y te diré quién eres’. Ando solo. Dime quién soy”...

## **Elas & Cia. (aí é que são elas/ elas por elas etc.) – o neutro no feminino**

Como se sabe, o **neutro** (vide verbete), para além de gênero, é indeterminação. Assim, as línguas que não dispõem gramaticalmente do neutro buscam fórmulas alternativas para substituí-lo. Aqui, contemplaremos certas formas de feminino que guardam, no fundo, o caráter difuso do neutro.

Algumas de nossas (muito antigas) expressões com “elas”, “umas”, “essas”, “todas” etc. fazem parte dessa indeterminação típica do neutro, convidando o interlocutor à compreensão em um plano, abstrato e genérico, do que foi deixado em aberto, não explicitado, como é próprio do neutro.

Assim, em “Ele tomou todas” (ou no também neutro “umas e outras”), não se explicita o necessário complemento do “todas” (todas, o quê?), mas intencionalmente deixa-se em aberto para diversas possibilidades: “as muitas (doses, quantidades, garrafas...)” necessárias para deixá-lo alterado, bêbado, fora de si ou algo do gênero.

E quando dizemos “falar é fácil; para fazer aí é que são elas”, esse “elas” tem caráter neutro para, digamos, “dificuldades”, “complicações”, “tribulações” etc. Essa expressão aparece na BN já em 06-02-1909 (“O Século” RJ), ao falar das medidas abusivas de um governante irresponsável e corrupto:

Mais tarde é que são ellas, quando a opinião publica lhe exigir contas severas de seu criminoso procedimento.

Do mesmo modo, ao dizermos “quando eu o encontrar, ele vai ouvir umas ‘poucas e boas’”, trata-se de um neutro a ser complementado por reprimendas ou pancadas, increpações, esculachadas... Lemos em “O Tempo” (RJ, 28-06-1893):

Ainda hontem ouvi poucas e boas num bond da Tijuca por achar que o Sr. vice-presidente da Republica é coerente nomeando militares para os cargos publicos.

“Elas por elas”, como bom neutro pode se aplicar a diversos campos, quando há retribuição de algo na mesma intensidade ou valor do recebido; pagamento na mesma moeda (Houaiss). O espectro imensamente amplo do neutro comporta praticamente tudo: bondades ou maldades, favores ou ofensas, dádivas ou dívidas, atitudes, posturas etc.

Antiquíssima, presente na BN desde a década de 1850, exemplifico com um par de ocorrências. Em seu No. 348, de 1867, sob o título “Ellas por ellas”, “A Semana Illustrada” comenta o epigrama de Marcial no qual o homem responde à caprichosa mulher que o cobre de pedidos: se, como dizes, o que pedes sempre é “um nada”; então eu “nada” estou te negando.

Outra “ellas por ellas” divertida é a noticiada por “O Malho” (RJ, 12-11-1904). O abade do mosteiro de São Bento mandou um ofício ao Almirante Noronha, comandante do quartel da Armada, pedindo que parasse com os contínuos toques de corneta, que perturbavam o recolhimento de seus vizinhos monges. O Almirante respondeu com um ofício solicitando ao abade a supressão das frequentes badaladas dos sinos, que distraíam seus subordinados no cumprimento de seus deveres para com a pátria. A revista conclui: “Toque, seu Noronha. Ellas por ellas”.

Quanto à também neutra expressão “fica uma pela outra”, notamos que ainda em 1883 em vez do neutro se ajuntava o amplíssimo “coisa”, Comparando duas companhias de ópera, X e Y, a “Gazeta de Noticias” (RJ, 05-07-1883) diz que a X tem alguns cantores melhores do que a Y, mas esta também supera a concorrente em outros cantores, e assim “em todo caso fica uma cousa pela outra”. Em situação semelhante (duas atrizes que entraram e saíram da trupe de teatros), dez anos depois “A Revista Illustrada” (RJ, No. 704, 1895) faz um trocadilho, jogando com o neutro da expressão com o gênero feminino das atrizes:

Fica uma com...perdão! fica uma pela outra

Pouco lembrada hoje, “sem mais aquela”, desde 1845 na BN, era muito usada para expressar “sem cerimônia”, “à vontade”. Como no rimado pregão da “Loteria dos Pasteis”, anunciada em 22-12-1854 pelo “Diario de Pernambuco”:

Pasteis! pasteis! pasteis quentes!  
Cheguem, cheguem, minhas gentes:  
(...pastéis assim, pastéis assado...)  
Venham vêr, sem mais aquella,  
Pasteisinhos de donzella!

“Daquelas” alimenta outras expressões de neutro, como quando se diz: “Peguei uma gripe daquelas...”.

Concluimos nosso percurso. Em tantas expressões, disfarçado de feminino, temos o neutro. É por essas e outras que eu digo que esse neutro tem cada uma...

Em tempo: Esta última já era usada em 1859 por “A Marmota” (RJ, 04-02-1859), que publicou a comédia “de costumes militares”, intitulada: “Honra e gloria”. Nela a animada vivandeira do quartel, “tia” Angélica, ao fazer uma de suas graças arranca gargalhadas dos soldados, que exclamam em uníssono:

Todos – (Rindo) Eh! Eh! Eh! Esta tia Angelica sempre tem cada uma!...

Agora sim termino mesmo: vamos nessa?

## Encafifado

Imagino que o leitor, tal como eu, já tenha ficado encafifado precisamente com a nossa maravilhosa palavra “encafifado”.

Ela é muito antiga e tem já seus 160 anos de uso, surgiu na BN em 1864 (“encafifar” não tem, portanto, a datação de 1899, que lhe atribui o Houaiss). E em seu nascimento, acumulava diversos sentidos, dos quais hoje permanece apenas um, precisamente o que não é enumerado pelo Houaiss, que elenca somente os seguintes significados (hoje, obsoletos) para “encafifar” “1. encher(-se) de timidez; envergonhar(-se), acanhar(-se). 2. contrariar(-se), desgostar(-se), descontentar(-se) 3. não obter êxito”.

Com sua encantadora sonoridade africana, bem ao gosto do brasileiro (e não do português), (estar ou ficar) “encafifado” supera as candidatas a sinônimos, como “intrigado”, “ressabiado”, “cismado” ou as gírias (relativamente) recentes “encucado” (na BN desde 1969) e “grilado” (na BN desde 1973). Mas nisso, como em tudo, é uma questão de preferência e há gosto para tudo...

Para exemplificar, uma piada na qual temos um caso típico do uso de nossa palavra: uma piada antiga, que poderíamos intitular “A professora encafifada”, que foi recolhida pelo jornalista Luis Nassif em sua seção Cultura do jornal GGN (20-02-2012) e que publico aqui [com alguns acréscimos].

Cada vez que a professora espirrava, ouvia dos alunos [a classe em coro]: “Saude-se”. E não entendia o “se” [que era de volume bem mais fraco do que o coro de “Saúde”].

Até que um dia o Joãozinho faltou à aula, a professora espirrou e ouviu o convencional: “Saúde” [desta vez, sem o sutil apêndice “-se”]. [Encafifada, a professora] Decidiu colocar a limpo o “se” e combinou com os alunos presentes que, no próximo espirro, todos ficariam calados.

Dia seguinte, Joãozinho presente, a professora espirra. Conforme o combinado, os alunos se calam. E se ouve a voz solitária do Joãozinho: “F@#% – se”.

(<https://jornalggn.com.br/cultura/a-ultima-do-joaozinho/> Acesso em 23-04-2023)

Na realidade, a primeira aparição de “encafifado” na BN é como sinônimo de contrariado: o empregado que atende correta e gentilmente um cliente e dele só recebe respostas frias e secas, fica encafifado (“A Esperança” RJ, 25-09-1864).

Um uso de “encafifar”, expressamente no nosso sentido atual de ficar com a pulga atrás da orelha, dá-se no “Diario de Belem” de 27-04-1879, quando o cronista

manifesta sua surpresa (“é para encafifar”) ao ouvir uns dobres de sinos de finados na igreja, aparentemente despropositados, até que descobre que era uma homenagem “extra” e intempestiva a uma defunta, ao que parece, com pagamento de sua família “por fora”, a ser “rachado entre o sineiro e o cura”.

Finalmente, no sentido de “envergonhar-se”, encafifar aparece em uma divertida coluna de “O Arauto” (RJ, 10-07-1879):

### Coisas que fazem encafifar

Vestir roupa nova e ir passear pela rua do Ouvidor sem gravata.

Ser atacado repentinamente de uma forte dor de barriga, no teatro, na ocasião em que todos prestam atenção a um duetto importante.

Ter o relógio empenhado, usar a corrente sem elle (como se tivesse o relógio, símbolo de status), e na rua a dita sahir do bolso do collete e ficar dependurada, como se fosse um cabo de laborar (cabos usados nos navios para içar e baixar pesos, prender ou soltar velas etc.).

Quanto à etimologia de encafifado, ela geralmente é considerada controversa. Mas no “Glossario brasileiro” que Beaurepaire Rohan (nobre, militar e político do Império) começou a publicar em fascículos na “Gazeta Litteraria” (RJ) em 1 de outubro de 1883 e, em 1885, já o apresenta de forma completa como “Diccionario Brasileiro de Lingua Portugueza” (nos “Annaes da Bibliotheca Nacional”) e aí encontramos uma sugestiva definição etimológica (também em “Gazeta Litteraria” RJ, 13-06-1884): cafife provém da “língua bunda” (quimbundo) e, nessa língua é simplesmente o nome do sarampo. Assim, os diversos significados de encafifado (estar com vergonha, contrariedade, embaraço, “cisma” etc.) seriam associados aos amofinantes sintomas do sarampo: “molestia que incommoda sempre”.

A afirmação do Visconde de Beaurepaire-Rohan é tanto mais confiável quanto ocorre em data próxima ao surgimento da palavra. Mas há um outro fator importante: cafife é uma das tantas palavras que o português do Brasil importou do quimbundo. Nessa língua, como nas línguas subsaarianas em geral, há uma intrigante característica: as palavras são divididas em categorias (dez) e o classificador, a primeira sílaba, indica em que setor da realidade se situa o objeto referido pelo vocábulo (ser humano, animais, ação verbal, diminutivos etc.).

No quimbundo, a língua angolana que mais influenciou o português do Brasil, as palavras da 10ª classe, a importante classe dos diminutivos têm como classificador (primeira sílaba) *ca*. Assim, muitos de nossos diminutivos começam por *ca*: “carimbo” é uma marquinha; “caolho” é híbrido: o diminutivo quimbundo *ca* + port.: *olho*. O *Aurélio* apresenta cerca de 500 palavras brasileiras de origem africana ou tomadas do quimbundo. Recolho algumas da 10ª. classe: cabaço, caçamba, cachimbo, cacimba, caçula, cafife, cafuné, camundongo, candango, canjica, caolho, carimbo; calombo, capanga.

Assim, cafife poderia ser muito bem um diminutivo, talvez o que indica as manchinhas do sarampo, que nos deixa encafifados.

## Encrenca

Tratei desta palavra brevemente no Pequeno Dicionário, mas agora motivado por uma difundida interpretação muito suspeita (para dizer o mínimo) de sua etimologia voltei a garimpá-la na BN e, de fato, encontrei novidades que me tinham escapado na primeira “prospecção”.

Começemos pela lenda de que a palavra “encrenca” foi tomada do linguajar das polacas, prostitutas judias no Brasil, no fim do século 19 e começos do 20:

### Polacas: As prostitutas judias no Brasil

Por quase um século, elas se prostituíram em ruas de grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires e Nova York. Judias, nascidas no Leste Europeu e conhecidas como polacas, essas prostitutas eram pobres, quase sempre analfabetas e sem dote para um bom casamento. Saíram de seus países ameaçadas por ondas de anti-semitismo, sem perspectivas, e acabaram recrutadas por cafetões – muitos também judeus.

(...)

Expressões usadas pelas polacas judias deram origem a palavras hoje muito populares no Brasil. Quando suspeitavam que um cliente tinha doença venérea, diziam *ein krenke* (doença, em ídiche), que acabou se transformando em encrenca...

(<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/polaquinh-as-as-prostitutas-judias-no-brasil.phtml>. Acesso em 06-05-2023).

Sem nada que pareça relacionado ao jargão do meretrício, “encrenca” (que, como veremos, se afirma na época) parece antes ligada à gíria jornalística. De fato, suas primeiras aparições na BN ocorrem em 1896 e em 1899 referindo-se a jornais. A primeira se dá em um poema satírico, “Gutenbinga”, publicado pelo jornal alagoano “Holophote” em 8 de novembro de 1896, criticando severamente em versos o concorrente “Gutenberg”:

Sem do chiste o vigor  
somentemente asneira em penca  
Reversos sem sabor  
Vem ao domingo (dia da elaboração do Gutenberg?) a *encrenca!*

Os registros seguintes são de 1899 (em “O Futuro” SC) e os primeiros referem-se à promessa de lançamento de um jornal, “A Encrenca”, “órgão do Partido Republicano”.

Após árduo garimpo, dei com uma crônica – a meu ver definitiva – para desqualificar a lenda das polacas e seu suposto *ein krenke*. Aparece no “Correio da Manhã” (RJ, 13-11-1908), seu autor é João Pimenta e se intitula “O Calão do Rio”:

(A gíria do Rio é) expressiva, onomatopaica, feita de vocabulos que imitam, ao serem exprimidos por nossas bocas, o feitiço, a cor, toda a natureza emfim, da coisa que representam. (...) Mesmo na vida da imprensa aparecem termos de gyria engraçadíssimos e que passam para o domínio publico muito facilmente (...). Temos, por exemplo, a *encrenca* – palavra da gyria jornalística, que é hoje empregada por toda a gente, quando quer dar idéa de uma situação ou de um negocio muito difficil. As tres syllabas são realmente de uma eloquencia inexcédível, pronunciadas conjuntamente dão a



impressão de um duro calhao que caisse entre as engrenagens de uma machina, paralyssando-as logo. Ouvindo-as, vemos, o embuchamento, o apuro, a meada difficil de desmanchar, e a encrenca não é mais nem menos do que isso mesmo. É um neologismo de becco sem saída que substitue perfeitamente todos os seus melhores synonimos da lingua patria.

O uso do vocábulo nos anos seguintes a esse precioso registro de Pimenta só fazem confirmar o significado de situação difícil, na qual as coisas emperram, enguiçam, deixam de funcionar...

Assim, de um banhista que engoliu muita água, diz uma notícia que o estômago encrencou e ele teve um chique (“Jornal do Brasil”, RJ, 19-09-1912); em um baile, uns gaiatos mexeram com as damas, começou a pancadaria e “a festa encrencou” (“Jornal do Brasil”, RJ, 03-08-1918). Estava programada uma assembleia de operários para discutir as condições de trabalho, mas não houve porque a “chuva encrencou tudo” (“A Época”, RJ, 09-02-1917). Tudo pode encrencar: um projeto aprovado na Câmara, encrencou no Senado; encrencou a obtenção de um habeas corpus etc. Enguiçavam os navios, especialmente para o pé-frio do presidente Hermes da Fonseca “que mal pensa na viagem / Encrenca a navegação” (“A Rua”, RJ, 10-10-1915). Pode significar até emperramento de teimosia, como o apostador que encrencou com o peru e não joga em outro bicho (“Gazeta de Notícias”, RJ, 07-01-1919). Etc. etc.

Para arremate, observo que na época surge a sugestiva forma (não cabível para as DST de então...) “desencrencar”, como aquele cartório no qual nada funcionava e com a chegada de um novo escrivão desencrencou (“A Rua”, RJ, 15-10-1915).

## **Está no papo**

“Estar no papo” é uma expressão para o quase irresistível desejo de antecipação de uma conquista ou triunfo que já se prefigura como certa..., ou quase, pois todo mundo sabe do perigo de cantar vitória antes da hora: passados mais de 80 anos, o Brasil ainda guarda viva memória da tragédia de 1950, o “já ganhou” de nossa Copa do Mundo que já estava mais do que no papo! Daí que o Houaiss, que define a expressão como sendo a de uma ambição realizada, prudentemente acrescenta “ou realizável”.

A expressão praticamente só é usada de modo metafórico e não em seu significado literal, que se refere ao bocado que foi abocanhado e engolido e “já está no papo”. Nesse sentido, um dos ditos de Delicado, refere-se precisamente ao insaciável, que já tem uma porção comida (em papo), outra armazenada e ainda cobiça mais: “Hum em papo outro em sacco e chora pello do prato”.

Na BN a expressão é muito empregada, desde que surge (“Diario do Rio de Janeiro”, 19-02-1845), falando das artimanhas para realizar com êxito uma escapadela furtiva. Desde então, nas décadas seguintes (e até hoje) é usada para os mais variados empreendimentos de conquista: sedutora cantada em mulher, artimanhas para agarrar um marido, realizar um engenhoso assalto, ou a diplomacia brasileira (junto com a força militar de Plácido de Castro) incorporar um território como o do Acre...

O futebol é uma escola de humildade (e uma caixinha de surpresas...) e, mesmo em casos de absoluto favoritismo, em vez de “já está no papo” as torcidas têm dado preferência a fórmulas um pouco mais modestas como “estar com uma mão na

taça”. Ou no (malogrado) caso do Flamengo, em 2016: “sentir um cheirinho de hepta”; “cheirinho”, que acabou dando margem até hoje à zoeira das torcidas inimigas cada vez que o rubro-negro perde algum título.

## “Estar com” (versão suave do duro “ter”)

Na linha da proverbial suavidade do brasileiro em suas formas de linguagem, uma das mais notáveis realizações foi a de criar também um segundo modo para o frio e duro verbo “ter”. A forma portuguesa (e a espanhola) do “ter” – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas *light* correspondentes ao latino *habere* – deriva da antipática e agressiva do latim *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é *tenedor*: aquele que tem (e, infelizmente, não podemos contar com o particípio “tenente”, porque se especializou em linguagem militar), segura e não larga.

Provavelmente por influência africana (que coincide com a forma quimbundo *kukala ni*) o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”. Na vida comunitária africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: a tesoura, o grampeador, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas o quimbundo *kukala ni* – “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o grampeador?”.

A linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos outros casos o verbo “ter” pela locução “estar com” (o que não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha): “Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...” (o espanhol diria “tienes tiempo, fiebre...”).

Não menos importante é o registro de uma imensa sabedoria embutida no gênio da língua tupi: nomes possuíveis e não possuíveis. É impossível e impensável em tupi aplicar o possessivo para elementos naturais: NÃO se pode dizer “minha terra”, “meu cachorro”, “minha pedra”, “minha ilha” etc. Por outro lado, é obrigatório o possessivo para parentes e partes do corpo: não se diz “eu como com as mãos”, mas “eu como com as minhas mãos”; não “ele cuida do filho”, mas “ele cuida do seu próprio filho”. Já o que o homem produz pode ser acompanhado do possessivo ou não: se eu trabalhei a pedra (itá) e a transformei em machado (também itá), aí posso dizer “xe itá”, meu machado (/pedra).

Consideremos, finalmente, a língua árabe. O árabe tem três interessantes formas para ter: *li* (*ly*, *laka* etc. *lahum* - tenho, tens..., têm); *‘ndy* (*‘ndaka*... etc... *‘ndahum*) e *ma’ay* (*ma’aka* etc.).

“*Ana ly*” (“eu tenho”) traduz-se mais literalmente como “para mim” ou “há para mim”: no Alcorão diz Lot: “Ah, se eu tivesse força contra vós... *Law ana ly bikum quwah*...” (11, 80). É este *ly* que Maria usa ao dizer “Como hei de ter um filho.” (3, 47). E em “Os crentes, que fazem as boas obras, terão belo prêmio” (18, 2), o que se diz é que haverá para eles um belo prêmio.

Numa visão centrada na pessoa, “tenho” é aquilo que “há para mim”: pouco me importa a Rita Lee como realidade “objetiva” (nascida em tal ano, CPF tal, RG tal...); passo a “tê-la” a partir do momento em que ela integra meu campo de relações: “ainda não havia para mim Rita Lee”. Como me fez notar o professor Sylvio Horta, da

USP, o brasileiro tem muito dessa visão pessoal e chega a dizer: “Minha Nossa Senhora!”.

Também sem a posse-garfada é o ter-’ndy, “junto a”. Quando Muhammad deve dizer: “Não tenho o castigo que quereis apressar...” (7, 57) ou “Não vos digo que tenho os cofres de Allah” (7, 50), está expressando que não está “junto a”, não dispõe, não pode acionar o castigo ou acessar os cofres. E, no Evangelho, para informar que os donos da festa “não têm vinho” (Jo 2, 3) para os convidados, Maria pode empregar a fórmula: “Layssa ‘indahum hamr”, não é que eles não têm vinho para si (lahum), não dispõem do vinho que, como anfitriões, deveriam ter (‘indahum).

Na forma “para mim” (e também na “junto a mim”) evidencia-se um outro sentido do “ter”: “aquilo que me compete”. Como no possessivo neutro castelhano: o diretor da escola pede ao professor que se encarregue de anotar atrasos do bedel e ele se recusa dizendo: “Perdón, soy profesor y **lo mío** es dar clases”. Ou como dizia a canção de Joan Manoel Serrat, referindo-se à condição humana: “Todo pasa y todo queda / pero **lo nuestro** es pasar / pasar haciendo camino”.

É nesse sentido também a célebre exortação de Galvão Bueno: “Vai que é tua, Taffarel!” e a genial gíria brasileira: “Eu tô na minha” (restringo-me àquilo que me compete e não ultrapasso o que se espera de mim).

A terceira forma árabe ma’a coincide com a forma quimbundo kukala ni.

Aproximando-se do africano e do indígena, o brasileiríssimo “estar com” é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a “posses” casuais, as posses provisórias de algo que, no fundo, é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

## Estar ou ser?

Ainda sobre o estar. Sempre que, em aulas de filosofia, perguntamos aos alunos sobre a diferença entre “ser” e “estar”, rápida, indefectível e unanimemente vem a resposta: “estar” indica uma situação temporária ou provisória; “ser”, definitiva. E a surpresa dos alunos quando ouvem o contra-exemplo de Julián Marías: – Mas... e o Pai Nosso, que está nos céus, está lá de passagem? Nada mais definitivo do que a instalação divina no Céu. Entre as dezenas de usos de “estar”, *está* o de instalação – a duradoura, permanente ou eterna – que condiciona a vida.

O casamento, por exemplo. Os mais jovens não acreditarão, mas no tempo de seus avós o casamento era duradouro: *de iure* e *de facto*. Havia, quando muito, um ou dois “desquitados” no bairro e divórcios só nos filmes americanos (mesmo nos EUA o *no fault divorce* só foi introduzido em 1970 – na Califórnia – e, formalmente, ainda até 2010 o estado de New York só admitia o *divorce at fault!*). Ainda hoje e mesmo na época em que na Espanha a dissolução do casamento era impensável, a expressão mais usada tem sido “*estar casado*”; enquanto no Brasil, esta formulação sugere um casamento efêmero de algum jogador de futebol ou rainha de bateria...

E é que o “*estar casado*” espanhol não aponta para a duração do enlace, mas para o modo como o casamento afeta a instalação de vida. Não é por acaso que é chamado de *estado* civil. Estar casado é algo que condiciona e transforma a totalidade da existência: dos horários, rotinas e hábitos até práticas de higiene, reuniões da APM, sogra etc.; o solteiro podia deixar a louça espalhada sem lavar por dias na cozinha, discutir futebol até tarde com os amigos na padaria ou não trocar a roupa de baixo todos os dias... Uma velha piada espanhola, fala de “cair a ficha” da enormidade da mudança de estado de solteiro para casado (jogando com o todo/parte: *ha enterado* em

oposição a *ha participado*) dois amigos se encontram: “– E aí me inteirei de que você se casou. – Não, você foi participado; quem se inteirou fui eu!”.

É interessante nesse sentido a regência inglesa *to* para o casamento: “*married to*”, usada originalmente apenas para mulheres (algo assim como “*maridada para Fulano*”) e depois com sentido estendido também para homens: o casamento é algo relacional de Fulan *para* Sicran e uma amarra (casamento é enlace...); a etimologia de *husband* (segundo o *Oxford English Dictionary*) é *húsbonda*: o detentor (*bonda*) de casa (*hús*), com o mesmo *bond* de laço, que sugere o marido como que amarrado à casa...

O mesmo caso de instalação de vida, dá-se com a guerra; a guerra é algo em que se *está*, que condiciona fortemente o modo de viver cotidiano. Ou as enchentes em São Paulo, que tanto interferem em nossas vidas e produzem estados: de atenção de alerta, de emergência ou de calamidade.

Quando as crianças (ou adultos...) decidem dar o dedinho e “estar de mal”, instalam-se num relacionamento especial: não trocam figurinhas, não brincam juntas, não se falam... porque estão de mal.

Um outro uso do estar é na encantadora expressão “sala de estar”, infelizmente em declínio quanto ao uso consciente, por conta do fato de o próprio “estar” ser cada vez mais raro. A língua inglesa, que não distingue entre ser e estar, chama esse cômodo de “*living room*”; é adequado, mas durante a guerra “*living room*” acabou servindo também para traduzir o *Lebensraum* (espaço vital) de Hitler.

O tempo da vida moderna, sobretudo o tempo paulistano tende a excluir o estar: já o *design* dos restaurantes de fast-food é um convite a dissociar o comer do estar, a arquitetura e a decoração parecem dizer: ingira o alimento e caia fora logo. O mesmo se dá com a crescente presença de ruidosa música nos restaurantes, que impedem o conversar; deixando à vontade aqueles que, afinal, temem uma instalação menos superficial no amor ou na amizade.

As expressões relacionadas ao amor que indicam esse caráter de instalação: *to fall in love with*, no inglês; enamorar-se, no espanhol e no português. Há também o nosso *namorar com*, que, finalmente, consta dos dicionários. Essa intuição do lugar, não necessariamente espacial, mas vital já aparece em Santo Agostinho ao falar do amor como peso, que o levava ao seu lugar, isto é, a se instalar em si mesmo: “Nosso descanso, nosso lugar (*Requies nostra, locus noster*). O corpo, por seu peso, tende a seu lugar. O peso não arrasta só para baixo, mas para o seu lugar: o fogo tende para cima; a pedra, para baixo. O peso move, dirigindo a seu lugar. O óleo derramado na água fica sobre ela; a água derramada no óleo se situa por baixo: cada um movido por seu peso tende a seu lugar. O que está fora de lugar está inquieto; dirige-se a seu lugar e aquieta-se... O meu peso é o meu amor (*Pondus meum, amor meus*); aonde quer que eu vá, por ele sou levado” (*Confissões XIII,9*).

Estar está associado ao vagar (como na deliicosa palavra nossa *de-vagar*), à *holgura* (Julián Marías), à “ausência de tensão de futuro” (Von Hildebrand), àquele “o tempo parou para eu olhar” de Caetano; ao antigo provérbio “O tempo do amor é não tê-lo” (Rolland); dá-se no caminhar descontraído, no passear, no conversar..., na sala de estar. Enfim, no modo tradicionalmente ibérico (e se quisermos exponenciar: baiano) de vivenciar o tempo. Esse estar se projeta na maravilhosa gíria brasileira: curtir. “Curtir” (cf. Pequeno Dicionário) é saborear com calma, desfrutar devagar, como o caldo de curtição beneficia o couro. Um exemplo de articulação dos dois sentidos de “estar” que estamos considerando (instalação e curtição) dá-se na sentença: “Agora que eu estou aposentado, estou curtindo meus netos”.

Novamente encontramos na instalação amorosa a ideia do eterno no momento, do fluir que tem duração. Na letra da canção “Quando eu fecho os olhos” (Chico César / Carlos Rennó) encontramos:

E aí você surgiu na minha frente/ E eu vi o espaço e o tempo em suspensão  
Senti no ar a força diferente/ De um momento eterno desde então  
E aqui dentro de mim você demora/ Já tornou-se parte mesmo do meu ser

Ser que no fundo é estar, assentar-se: estar sentado...

## Eu e o Quico... – um mau hábito do brasileiro

Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas. Os estrangeiros se chocam com nosso péssimo hábito de colocar o “eu” em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu, Mengano e Beltrano vamos fazer tal coisa”. O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma recorrente piada do Chaves:

**Chaves:** Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

**Prof. Girafales:** Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

**Chaves:** O senhor também está brincando de esconde-esconde com o Quico?

Em outro episódio, é Dona Florinda quem se vale de um provérbio tradicional, que se aplica precisamente para repreender esse mau hábito: “El burro por delante para que no se espante”.

**Chaves:** Estávamos no pátio eu e o Quico...

**D. Florinda:** Chaves, “o burro vai na frente...”. (é suficiente citar só o começo do ditado)

**Chaves:** Não, o Quico estava atrás.

**Prof. Girafales:** Chaves, o que queremos dizer é que se nomeia primeiro a outra pessoa, como todo mundo sabe... Vai, continua!

**Chaves:** Estávamos no pátio eu e o Quico...

**Prof. Girafales:** Nãããoo! “Estávamos no pátio Quico e eu”

**Quico:** Não, professor, estávamos o Chaves e eu.

Etc.

(<https://www.youtube.com/watch?v=XqNTNzP0Qss> Acesso em 21-04-23).

## Felipetas... – para os Felipatos

A inofensiva felipeta – “pequeno prospecto com que se faz a divulgação de peças de teatro e/ou eventos culturais, ger. beneficiando aquele que a recebe com algum desconto no preço do ingresso” (Houaiss) – não é nada inocente em sua origem histórica (1952) e em seus primeiro uso (1955) – totalmente pejorativo – no

sentido que viria a ter atualmente. Em ambos os casos, está ligada a fraude ou a propaganda enganosa.

A origem de tudo está em 1952. Em meados desse ano explodiu o estrondoso caso (pioneiro das “pirâmides”) das fraudes, contra uma legião de incautas vítimas, praticadas no Rio de Janeiro pelo Tenente da Aeronáutica Luiz Felipe de Albuquerque Júnior (conhecido como Felipetto ou Felipeto).

A história é vibrante e recomendamos aos interessados a longa reportagem “Felipetas e Felipatos” de David Nasser para “O Cruzeiro” (RJ, 30-08-1952) que, já em sua lide, resume:

Felipetto dava cheques com datas avançadas em troca de dinheiro vivo. A princípio ele pagava sempre...

(...) a história da febre de ingenuidade que dominou uma cidade (empolgou e enganou) gente de todas as classes

A máquina de fazer dinheiro trabalhava dia e noite – Mas, um dia, recusaram o primeiro cheque...

A reportagem começa com a foto de uma felipeta, a nota promissória que um dos inúmeros felipatos (como foram chamados na época) tinha trocado por dinheiro vivo...

Até aqui nada de novo, a história da felipeta original é bastante conhecida. O que nunca ninguém refere é como se passou da felipeta do Felipetto para o flyer que conhecemos atualmente. Isso ocorreu em 1955 e também nesse caso há a deslealdade de espertalhões. Garimpando na BN, dei com sua certidão de nascimento, lavrada pela revista carioca “Careta” em 01-10-1955: a matéria “‘Felipetas’ no Teatro”, que traz até a foto da criatura.



Está aparecendo e grassando na Praça Tiradentes nova modalidade de *barateamento de teatro*. O povo já lhe chama de *felipeta do teatro*. E realmente o é.

O golpe funcionava do seguinte modo: o teatro manda imprimir milhares de “convites” especiais (as felipetas) e, com bom desconto, vende lotes de 200 ou 300 para firmas, para que estas os ofereçam a seus funcionários, para que levem suas famílias para assistir ao espetáculo, onde terão de pagar somente um selo e uma pequena taxa, de valores simbólicos e “irrisórios”.

Na entrada do teatro, todo mundo é logrado: os que pagam 70 cruzeiros, porque não foram agraciados com a felipeta, e os que receberam o convite quando, após enfrentar a imensa fila dos “beneficiados”, são amavelmente informados pelo bilheteiro de que o selo custa 4 cruzeiros e a taxa é de vinte cruzeiros. E em vez do

valor simbólico, praticamente gratuito, que esperavam, são extorquidos em 24 cruzeiros (e nem podem criar confusão, pois estão acompanhados da família).

A felipeta original, quase esquecida três anos depois, renasceu em nova forma em busca de novos “felipatos”, palavra que, felizmente, passada essas ondas de 1952 e 1955, simplesmente desapareceu da BN e nem chegou a ser dicionarizada.

## **Folgado, abusado, espaçoso (e o *facilone*)**

Usamos os termos acima para designar os caras de pau – oportunistas, metidos e atrevidos –, que tomam liberdades descabidas e extrapolam os limites da confiança (antigamente usava-se “confiança” – “não lhe dei essa confiança” – também no sentido de “liberdade excessiva, atrevimento e insolência” – Houaiss).

Noel Rosa, em 1935, lançou o samba “Conversa de botequim”, que é um “hino do folgado”, descrevendo com incomparável genialidade não só suas típicas demandas, mas também o ar de de alguém que está bem consciente de sua superioridade e dirigir-se aos outros é como um privilégio que ele lhes concede, na linha da divertida gíria espanhola “perdonar la vida”. Seja-me permitido reproduzir aqui essa obra-prima:

Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa  
Uma boa média que não seja requentada  
Um pão bem quente com manteiga à beça  
Um guardanapo e um copo d’água bem gelada

Feche a porta da direita com muito cuidado  
Que não estou disposto a ficar exposto ao sol  
Vá perguntar ao seu freguês do lado  
Qual foi o resultado do futebol

Se você ficar limpando a mesa  
Não me levanto nem pago a despesa  
Vá pedir ao seu patrão  
Uma caneta, um tinteiro  
Um envelope e um cartão

Não se esqueça de me dar palitos  
E um cigarro pra espantar mosquitos  
Vá dizer ao charuteiro  
Que me empreste umas revistas  
Um isqueiro e um cinzeiro

Telefone ao menos uma vez  
Para três quatro, quatro, três, três, três  
E ordene ao seu Osório  
Que me mande um guarda-chuva  
Aqui pro nosso escritório

Seu garçom me empresta algum dinheiro  
Que eu deixei o meu com o bicheiro  
Vá dizer ao seu gerente

Que pendure esta despesa  
No cabide ali em frente

Um caso específico de folgado é atingido pela língua italiana, que dispõe de uma palavra que poderia nos ajudar a atingir esse abusado: o *facilone*.

*Facilone* – palavra que faz muita falta no português – designa aquele sujeito que proclama que as coisas são muito mais simples do que na realidade o são. O *facilone* é aquele que, por exemplo, não se vexa de pedir “pequenos” favores.

Um exemplo caricatural. Você está dando uma carona para ele e, ao passar em frente à sua agência bancária, ele diz: “– Dá para dar uma paradinha? Eu vou fazer um investimento com meu gerente e volto: são só cinco minutinhos”. Quando, quinze minutos depois, você liga para o celular dele, ele já atende agressivo, acusando o interlocutor de impaciência e atribuindo-a a seu estresse: “– Calma! Dá licença? Já estou saindo”. E quando você resolve pagar o estacionamento e verificar pessoalmente o caso, ele diz: “– É só mais um minutinho: eu sou o próximo a ser atendido...”.

Fáceis (para o *facilone*) são também os sábios conselhos e soluções – que ele prescreve – para os problemas dos outros: “com filhos adolescentes, basta você exigir que eles estejam em casa na hora que você mandar”, “eu vou estacionar aqui no proibido um minutinho, se vier o guardinha, você não deixa ele me multar” etc. Só falta combinar com os russos...